



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Lidiane Fonseca Dutra ¹

RESUMO

O presente ensaio propõe um diálogo a respeito da relação entre arte e ecologia através da análise de obras de dois artistas representativos no cenário nacional: Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg. Inicia pela trajetória artística e pessoal de cada um, analisa os Manifestos Pau Brasil e Rio Negro, que fundamentaram as concepções nacionalistas e naturalistas de ambos, para, enfim, propor um diálogo e uma reflexão através das obras Manacá, de Tarsila e Flor do Manguê, de Krajcberg.

Palavras-chave: Arte, Ecologia, Tarsila do Amaral, Frans Krajcberg.

*DIALOGUE BETWEEN ART AND ECOLOGY ACROSS THE WORKS OF TARSILA DO
AMARAL AND FRANS KRAJCBERG*

ABSTRACT

This paper proposes a dialogue about the relationship between art and ecology through the analysis of works by two artists represented in the national scene: Tarsila do Amaral and Frans Krajcberg. Start the artistic and personal trajectory of each, examines the Manifestos Pau Brazil and Rio Negro, who founded the nationalist and naturalists conceptions both, to finally propose a dialogue and reflection through the works Manacá of Tarsila and Flower Manguê of Krajcberg.

Key words: Art, Ecology, Tarsila do Amaral, Frans Krajcberg.

*DIÁLOGO ENTRE EL ARTE Y ECOLOGÍA A TRAVÉS DE LAS OBRAS DE TARSILA DO
AMARAL Y FRANS KRAJCBERG*

RESUMEN

En este trabajo se propone un diálogo sobre la relación entre el arte y la ecología a través del análisis de las obras de dos artistas representados en la escena nacional: Tarsila do Amaral y Frans Krajcberg. Inicio de la trayectoria artística y personal de cada uno, examina los Manifiestos Pau Brasil y Río Negro, que fundó las concepciones nacionalistas y naturalistas de ambos, para proponer finalmente un diálogo y reflexión a través de las obras Manacá de Tarsila y Flor del Manguê de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Krajcberg.

Palabras clave: Arte, Ecologia, Tarsila do Amaral, Frans Krajcberg.

INTRODUÇÃO

A partir do final do Século XX, se intensificou o discurso ambientalista fundamentado na concepção de que o homem precisa ressignificar suas ações para preservar não só o planeta como também a própria espécie. Eventos mundiais com enfoque ambiental tentam alertar os governantes, tanto de países desenvolvidos como em desenvolvimento, para o caos climático, a devastação das florestas e a poluição da água, numa tentativa de conter o esgotamento dos recursos naturais que o processo desordenado de industrialização e urbanização causou.

Porém, o discurso ambientalista, na maioria das vezes, se restringe a uma mudança de concepção do comportamento humano em relação ao meio, através de ações como economizar água, reciclar o lixo, consumir menos energia e contribuir para o que o Relatório Brundtland² denomina como desenvolvimento sustentável, ou seja, aquele capaz de “satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades” (CZAPSKI, 2008, p. 266).

Amparada na espetacularização das informações provocada pela indústria midiática, essa concepção ambientalista de relação com o meio provoca um esvaziamento do termo ecologia, afinal “estamos incorporando, enfim, uma cultura ecológica, mas não conseguimos compreendê-la além dos dados científicos reducionistas ou da informação efêmera da mídia” (DACOSTA, 1992, p. 35).

Pouco se fala da questão ecológica num sentido amplo, vista como “um problema de relação do homem consigo mesmo, com os outros e com as coisas”, conforme aponta Castro (1992, p. 13). As informações fragmentadas que diariamente são impostas pelos meios de comunicação nos fazem crer que somos também seres fragmentados, e que atitudes isoladas surtirão efeito sobre o ponto crítico que o debate ambiental alcançou. É preciso encarar a questão ecológica como algo

² Relatório publicado em 1987 pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

além da militância em prol da conservação do meio ambiente, mas também sob uma perspectiva cultural, identitária e, sobretudo, humana.

Uma das principais vias de acesso a esse entendimento sobre ecologia é o diálogo que pode ser estabelecido através da arte. No Brasil, dois artistas fundamentais do panorama nacional tentam chamar a atenção para o debate ecológico, numa perspectiva que vai além do que é posto diariamente pela mídia. Questões relacionadas à constituição do sujeito, a importância do sentimento de pertença ao lugar de origem e à cultura popular permeiam as obras de Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg.

Assim, este ensaio apresenta um recorte da trajetória desses dois artistas, cada um do seu modo e inserido no seu tempo histórico. Não é intenção do mesmo comparar as obras de Tarsila e Krajcberg, dada a disparidade temporal que separa a produção de ambos, mas sim propor um diálogo referente à relação entre arte e ecologia que esses artistas apresentam, muito antes mesmo dos termos “ecologia” e “ambiental” se transformarem em meros modismos midiáticos.

DOIS ARTISTAS, UM OBJETIVO: MOSTRAR O BRASIL AOS BRASILEIROS

Tarsila do Amaral (1886-1973) nasceu em Capivari, interior de São Paulo. De família aristocrática – seu pai era um barão do café –, passou a infância entre as fazendas Santa Teresa do Alto e São Bernardo, em Monte Serrat, cidade próxima a Capivari. Ainda adolescente fez sua primeira viagem à Europa e no retorno ao Brasil passou a trabalhar com o escultor William Zadig, para posteriormente começar seus estudos em pintura e desenho com o mestre Pedro Alexandrino.

Em 1922, passou a ter contato com o movimento modernista, iniciado pela Semana de Arte Moderna³, e juntamente com Mário de Andrade, Anita Malfatti, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia formou o Grupo dos Cinco. A partir de então, a produção artística de Tarsila volta-se para o resgate da cultura popular brasileira, com influências cubistas e também de sua própria história de vida, passada no interior. Para Chiarelli (2002), ao integrar a realidade brasileira às vanguardas

³ Evento ocorrido nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, considerado a primeira manifestação de impacto do movimento modernista brasileiro.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

européias, a artista resolve a tensão gerada pelo movimento modernista brasileiro, principalmente através da sua fase Pau-Brasil, na qual busca retratar o esplendor da fauna, flora e do povo brasileiro.

Frans Krajcberg (1921) nasceu em Koziénice, na Polónia. Estudou na Academia de Belas Artes de Stuttgart na Alemanha e, em 1948, chegou ao Brasil após perder toda a sua família em um dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Fixou-se no Paraná e, em 1951, participou da I Bienal Internacional de São Paulo, transferindo-se posteriormente para o Rio de Janeiro. Em 1957 se naturalizou brasileiro e em 1972 passou a residir em Nova Viçosa, sul da Bahia, no *Sítio Natura*, uma casa construída numa árvore a 7 metros de altura, encantado pela natureza exótica e pelo isolamento do local.

Ainda na década de 1950, a toxicidade das tintas obrigou Krajcberg a parar de pintar. Assim, o artista passou a se dedicar à escultura e à fotografia, e a partir das viagens pela Amazônia e pelo Pantanal Matogrossense, intensificou a produção em torno de galhos, troncos e raízes coletadas na mata, que começam a tomar forma no espaço, e também passa a fotografar as queimadas e o descaso das autoridades com o patrimônio ambiental. Krajcberg se torna uma espécie de “porta-voz” da natureza, e sua arte passa a ser um instrumento de denúncia sobre a catástrofe ambiental em território brasileiro.

Em ambos os casos, é possível notar a preocupação dos artistas em não só retratar a paisagem brasileira, tampouco somente conferir um caráter estético ao patrimônio natural. Vê-se tanto em Tarsila quanto em Krajcberg o que Weil (apud CZAPSKI, 2008, p. 268) define como sentimento de enraizamento, ou seja, “os seres humanos só se constituem como sujeitos históricos quando constroem sua identidade por meio de sua própria história e de seu socioambiente”. Tarsila propõe ao povo brasileiro através de suas obras um sentimento de “isto é seu”. Já Krajcberg vai além, pois ao fazer de sua obra um instrumento de denúncia, brada um “isto é seu, preserve!”. Essa preocupação fica expressa em dois manifestos que fundamentam a obra desses artistas, a seguir analisados.

OS MANIFESTOS PAU-BRASIL E RIO NEGRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Segundo Helena (2003), entende-se por manifesto – no sentido artístico do termo – o documento pelo qual os artistas de vanguarda divulgam, através da imprensa, seus ideais, programas e princípios estético-culturais. Tanto a trajetória de Tarsila quanto a de Krajcberg foi marcada por manifestos que fundamentaram as concepções nacionalistas e naturalistas de ambos.

O Manifesto Pau-Brasil, escrito por Oswald de Andrade, foi publicado em março de 1924 e acabou por fundamentar a fase homônima de Tarsila do Amaral. Segundo este manifesto, a cultura brasileira está amparada sobre uma base dupla, representada pela floresta e pela escola. A floresta representaria a tradição distante do Brasil pré-colonial, e a escola a tradição próxima do Brasil colonizado. A proposta modernista consistia em ressignificar a escola colonizadora através das vanguardas e da produção artística, numa tentativa de conciliar a floresta e a escola, isto é, “imbricar a cultura nativa com uma outra atitude, intelectualizada” (HELENA, 2003, P. 72). O trecho a seguir sintetiza algumas das ideias discutidas no Manifesto Pau-Brasil:

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa. (...) Bárbaros crédulos pitorescos e meigos. Leitores de jornais. Pau-Brasil. A floresta e a escola. O Museu Nacional. A cozinha, o minério e a dança. A vegetação. Pau-Brasil. (HELENA, 2003, p. 73)

A partir da conotação nacionalista do Manifesto, que considera o modelo de colonização português espoliador, pois retirou as riquezas da terra e a destituiu dos povos nativos, Oswald propõe um reencontro com a natureza primitiva da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que a associa às vanguardas e ao ideal modernista de progresso. Assim, as obras de Tarsila passam a apresentar traços típicos da cultura popular, como os festejos, o homem caboclo, as cores tropicais e a fauna e flora exóticas, em contraponto com a vida nas grandes cidades, as fábricas, avenidas e a vida intensa da alta burguesia brasileira no início do século XX.

Já a obra de Krajcberg é marcada por um manifesto publicado em meados dos anos 1970, que ainda hoje constitui um dos mais importantes documentos sobre a relação entre arte e meio ambiente. Em 1978, em plena floresta amazônica, o crítico de arte francês Pierre Restany, um dos precursores do movimento Novo Realismo, profere o Manifesto do Rio Negro – Naturalismo Integral, às margens do rio que corta a floresta, na presença de Krajcberg e do também artista Sepp Baendereck.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

O texto é uma espécie de ultimado, convocando a humanidade a agir frente à degradação da natureza e também das relações humanas. Trechos do manifesto evidenciam a preocupação dos artistas na mudança de percepção do homem frente ao mundo, aos outros e a si próprio:

Hoje vivemos dois sentidos de natureza: o ancestral, legado planetário, e o moderno, aquisição industrial e urbana. Pode-se optar por um ou por outro, pode-se negar um em proveito do outro, mas o importante é que ambos os sentidos sejam vividos e assumidos na integralidade de sua estrutura ontológica, na perspectiva da universalização da consciência perceptiva, o Eu abraçando o Mundo e tornando-se um só com ele, em consonância e harmonia da emoção entendida como a realidade última da linguagem humana. (...) Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva, muito mais contra a poluição dos sentidos e do cérebro do que a do ar ou da água. (MAM, 2008, p.7)

O Manifesto do Rio Negro, ao apontar que devemos combater “a poluição subjetiva” e pensar “o Eu abraçando o Mundo e tornando-se um só com ele”, é exemplar no que diz respeito ao sentido amplo do termo ecologia, uma vez que estabelece uma dupla relação do homem: homem/homem; homem/outro; homem/mundo. A partir desse princípio, a obra de Krajcberg vai além da militância ambiental, pois diz respeito às relações humanas, e também às escolhas que fizeram o artista se isolar na floresta para poder criar e mostrar sua arte ao mundo.

Apesar de ter sido redigido mais de meio século após o Manifesto Pau-Brasil, o do Rio Negro oferece uma visão complementar ao primeiro. Enquanto que no manifesto modernista a ênfase recai no sentimento de pertença, no de Restany e Krajcberg a ênfase está nas relações humanas e de responsabilidade com o meio em que vivemos, e ambas as questões ficam evidentes ao analisar as obras dos dois artistas que adotaram estes documentos como parâmetro para seu trabalho.

DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO, COMO OS ARTISTAS ENCARAM A QUESTÃO ECOLÓGICA EM SUAS OBRAS

A partir das relações até aqui estabelecidas, é possível propor um diálogo entre a obra de Tarsila e Krajcberg fundamentado na concepção ecológica que cada um manifesta em sua produção. Como já foi dito anteriormente, não é intenção deste ensaio comparar a obra de um artista com a de outro, dadas as peculiaridades que cada um apresenta, mas sim dialogar e refletir sobre o sentido ecológico, humano e ambiental que seus trabalhos apresentam.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Para inserir as obras analisadas dentro do debate proposto, optamos por um trabalho da fase Pau-Brasil de Tarsila, e um de meados da década de 1970 de Krajcberg. São duas representações de flores brasileiras: o manacá, uma pequena árvore, típica do cerrado, e a flor de mangue, proveniente do manguezal, um ecossistema típico de regiões de clima tropical, caracterizado por áreas costeiras alagadas, de vegetação rizomática.

Manacá

Tarsila do Amaral pintou a obra Manacá (FIGURA 1) em 1927, no auge de sua fase Pau-Brasil. O quadro retrata com cores vívidas uma pequena flor do cerrado brasileiro. Poderia ser considerada mais uma pintura de paisagem, como tantas outras já pintadas pelos mais diferentes artistas, mas a obra de Tarsila traz consigo um dado novo na pintura brasileira, que é a valorização da cultura local. Antes de Tarsila, o homem comum, a vegetação típica e os costumes locais, quando apareciam nas obras, eram somente um dado pitoresco, indigno de ocupar o tema central de um trabalho artístico.

Com o movimento modernista e o resgate da cultura popular brasileira, Tarsila traz à tona não só um motivo antes esquecido pela História da Arte, mas resgata também sua própria história de vida, passada no interior, e deixa transparecer seu sentimento de pertença pelo lugar de origem. Por mais que a artista viaje pela Europa, é no Brasil que ela busca as referências de sua pintura. Jara (apud SÁ, 2005, p. 249) refere-se ao pertencimento como “uma possibilidade de transformação de comportamentos, atitudes e valores para formação de pessoas e relações capazes de protagonizar um novo paradigma”. A própria artista fala de sua pintura como um resgate do passado, a fim de transformar seu trabalho em algo significativo para ela e para o público. Sobre a cor utilizada em seus quadros, Tarsila confessa:

Ensinarão-me depois que [as cores] eram feias e caipiras. Segui o ramerrão do gosto apurado... Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, tudo em gradações mais ou menos fortes, conforme a mistura de branco. Pintura limpa, sobretudo, sem medo de cânones convencionais. Liberdade e sinceridade, uma certa estilização que a adaptava à época moderna. Contornos nítidos, dando a impressão perfeita da distância que separa um objeto do outro. (AMARAL, 2003, p. 150)



Figura 1: Tarsila do Amaral, **Manacá**, 1927, óleo s/ tela, 76 x 63,5 cm, col. part., São Paulo.

Fonte: AMARAL, A. A., 2003.

A proposta da artista, ao resgatar a cor local e suas próprias memórias, tem uma intencionalidade maior do que o retrato do próprio manacá. Nesse sentido, a constituição identitária da artista e do público que se identificará com a obra está em consonância com a concepção ecológica integral, que leva em consideração as relações existentes entre home/homem, homem/outro e home/mundo.

A Flor do Manguê

A relação de Krajcberg com suas obras encontra um sentido nas relações que o artista estabelece com os outros desde criança. De família judia, desde cedo conviveu com o preconceito, fato que o fez buscar o isolamento da floresta para criar seus primeiros trabalhos:

Em criança, costumava isolar-me na floresta. Ainda não tinha consciência nem me emocionava a natureza. (...) Aquele era o único lugar em que podia questionar-me. Quando criança, sofri demais com o racismo cruel provocado pela religião – fanáticos que não



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

admitiam nada. (...) Aos 13 anos, comecei a politizar-me e a ter vontade de pintar. Não tínhamos dinheiro para o papel e isso me marcou bastante. (...) Construí minha casa na floresta. (...) O artista não deve apenas ir ao encontro à natureza, mas participar de sua época. (...) Queria captar a natureza em seu sofrimento. Comecei a fotografar para ver melhor, mais perto, além do olhar. Descobri a cor, as terras de pigmentos puros, cores que são matérias. (...) Se Mondrian passou da árvore ao quadrado, ele apenas aproveitou uma das possibilidades da árvore. Agora, nós devemos quebrar o quadrado para reencontrar a árvore. A Natureza integral pode dar um novo significado aos valores individuais de sensibilidade e criatividade. (KRAJCBERG, 2008)

Nesse sentido, a *Flor do Mangue* (FIGURA 2) não representa somente uma escultura feita com madeiras recolhidas na beira da praia, moldadas como a fina vegetação rizomática característica dos manguezais, tampouco somente um ato exclusivo de denúncia ambiental, sobre os restos de árvores encontrados diariamente pelo artista, frutos das queimadas indiscriminadas que fazendeiros e pecuaristas praticam diariamente, espalhando lavouras e pastagens pelas florestas, mas também um gesto interior do próprio artista, que preferiu se isolar na mata para criar, e a partir desse isolamento mostrar para o mundo seu grito de revolta. Não somente esta obra, mas sim todo o conjunto da carreira de Krajcberg é um espelho da vida do próprio artista, que preferiu a natureza à insensatez humana; é o reflexo das relações do artista com o outro e com o mundo que o cerca.



Figura 2: Frans Krajcberg, *A Flor do Mangue*, déc. 1970, madeira, 300 x 900 cm, col. artista.

Fonte: Itaú Cultural



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Um diálogo possível

Através das obras *Manacá* e *a Flor do Mangue*, podemos estabelecer o seguinte diálogo: enquanto Tarsila preza pelo resgate da cultura brasileira e reafirma seu sentimento de pertença à terra natal resgatando sua infância, Krajcberg, através de suas experiências, reafirma o compromisso com a terra que o acolheu, isolando-se na floresta para criar, na tentativa de negar a época em que precisava se isolar para fugir do preconceito, como aponta o crítico de arte Frederico Moraes:

A obra realizada por Frans Krajcberg, ao longo de meio século, baseada no íntimo relacionamento com a natureza, é mais do que um projeto estético. É uma ética. É a invenção de um destino através da reinvenção da natureza. Ao fazer de sua obra uma espécie de memória da natureza, que ele faz irromper no seio da cultura, quer anular outra memória: seu próprio passado. (MAM, 2008, p. 6-7)

Assim, as obras acima extrapolam o senso comum sobre o conceito de ecologia, ao transparecer uma teia complexa de sentimentos, relações e vivências que vão além do debate ambiental midiático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio buscou um diálogo entre as obras de dois renomados artistas do cenário nacional – Tarsila do Amaral e Frans Krajcberg – a fim de refletir sobre a relação entre arte e ecologia e ir além do discurso midiático imposto diariamente pelos meios de comunicação de massa.

A ecologia se transformou numa mercadoria vendida em doses homeopáticas, e já foi comprovada a eficácia de sua venda, pois os noticiários não param de despejar informações sobre o caos climático, o efeito estufa, o esgotamento dos recursos hídricos, o desmatamento, a extinção de várias espécies de animais e plantas, enquanto a população assiste passiva, em meio a protocolos, conferências, acordos, dentre tantos documentos que parecem não surtir efeito nenhum diante da tão falada crise ambiental.

Como uma espécie de respiro em meio a tantas notícias, as ações desses artistas, que desde o início do século passado, como é o caso de Tarsila, vem chamando a atenção para o fato de que a ecologia e o debate ambiental não se restringem só a reciclagem de lixo, pelo contrário: as obras aqui analisadas são apenas um recorte que ilustra como a questão ecológica depende das relações que o homem estabelece multilateralmente com vários outros atores e consigo próprio.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**DIÁLOGO ENTRE ARTE E ECOLOGIA ATRAVÉS DAS OBRAS DE TARSILA
DO AMARAL E FRANS KRAJCBERG**

Ressignificar o sentido do termo ecologia além do discurso massificado e levantar questões como identidade, pertencimento, cultura e alteridade é algo que através da arte torna-se extremamente relevante e necessário na sociedade atual. Cabe ao educador ambiental promover este tipo de diálogo e não cair ele próprio no discurso evasivo que se criou em relação às questões ambientais.

Enfim, as relações aqui enfocadas entre arte e ecologia não objetivaram dar respostas acabadas à questão ecológica, mas formular reflexões sobre o sentido da obra desses artistas para eles mesmos e para a sociedade, o quanto o individual, a história de vida de cada um e também o seu relacionamento com o meio pode influenciar o processo criativo e que é condição necessária para entender os problemas ambientais (que são também humanos) ir além dos parcos estereótipos criados pela indústria do espetáculo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A.A. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. São Paulo: Editora 34/ Edusp, 2003.
- CASTRO, M.A. **Ecologia: a cultura como habitação**. In: SOARES, Angélica (org). **Ecologia e literatura**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1992. cd_idioma=28555> Acesso em 14 ago. 2009.
- CHIARELLI, T. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.
- CZAPSKI, S. **Os diferentes matizes da educação ambiental no Brasil: 1997-2007**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008.
- DACOSTA, L.P. **O olhar e o pensar ambientalista**. In: SOARES, A. (org.). **Ecologia e literatura**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1992.
- FRANS, K. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/e>
- HELENA, L. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. São Paulo: Ática, 2003.
- KRAJCBERG em *Natura*. **Moderno MAM**, p. 6-7, São Paulo, out/nov/dez 2008. [nciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_depoimentos&cd_verbete=1834&](http://enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_depoimentos&cd_verbete=1834&)
- SÁ, L.M. **Pertencimento**. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. **Encontros e caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.